

Perfil das estudantes do curso de Pedagogia: cor, gênero e desafios na trajetória acadêmica

Ivone Jesus Alexandre
Caroline Mari de Oliveira Galina
Gregory Duarte Juffo
Francisco José Gomes Pereira

Resumo

Esse artigo apresenta dados de uma pesquisa realizada junto as estudantes do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Sinop/MT. O objetivo foi realizar o levantamento do perfil de gênero, cor, extrato social e as principais dificuldades enfrentadas por elas ao longo do curso. A metodologia adotada é qualitativa e quantitativa, e os dados apresentados foram gerados por meio de questionário impresso aplicado no mês de novembro de 2023. O referencial teórico que embasa as análises é de Louro (1986), Freire (2011), Joanone Neto (2014) e Abreu (2015). A falta de tempo está entre as maiores dificuldades elencadas pelas estudantes durante a trajetória universitária, conciliar trabalho e o tempo para se dedicarem aos estudos foram as mais citadas.

Palavras-chave: Curso de Pedagogia. Perfil das estudantes. Trajetória acadêmica.

Ivone Jesus Alexandre
Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Brasil
E-mail: jesus.alexandre@unemat.br
 <https://orcid.org/0000-0002-0200-7367>

Caroline Mari de Oliveira Galina
Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Brasil
E-mail: caroline.mari@unemat.br
 <https://orcid.org/0000-0002-6099-0953>

Gregory Duarte Juffo
Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Brasil
E-mail: gregorydjuffo@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-8312-7626>

Francisco José Gomes Pereira
Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Brasil
E-mail: francisco.pereira@unemat.br
 <https://orcid.org/0000-0001-6835-5156>

Recebido em: 22/06/2024
Aprovado em: 16/09/2024



<http://www.perspectiva.ufsc.br>
 <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2025.e100747>

Abstract**Pedagogy course students profile: color, gender and challenges in the academic trajectory**

This article presents data from a survey carried out among students on the Pedagogy course at the State University of Mato Grosso (UNEMAT), Sinop/MT campus. The aim was to survey the profile of gender, color, social background and the main difficulties they faced during the course. The methodology adopted is qualitative and quantitative, and the data presented was generated by means of a printed questionnaire applied in November 2023. The theoretical framework underpinning the analysis is Louro (1986), Freire (2011), Joanone Neto (2014) and Abreu (2015). The results show that the majority of students are women, black and working, who face difficulties in reconciling work and studies. Lack of time is among the greatest difficulties listed by the students during their university career, and reconciling work and time to dedicate to their studies were the most cited.

Keywords:

Pedagogy course.
Students profile.
Academic
trajectory.

Resumen**Perfil de las estudiantes del curso de Pedagogía: color, género y desafíos en la trayectoria**

Ese artículo presenta datos de una investigación realizada junto a las estudiantes del curso de Pedagogía de la Universidad del Estado de Mato Grosso - UNEMAT, campus de Sinop/MT. El objetivo fue realizar el levantamiento del perfil de género, color de piel, extracto social y las principales dificultades que las estudiantes enfrentan durante el curso. La metodología es cualitativa y cuantitativa y los datos presentados fueron generados a través de cuestionario impreso aplicado en el mes de noviembre de 2023. El marco teórico está anclado en Louro (1986), Freire (2011), Joanone Neto (2014) y Abreu (2015). Los resultados muestran que la mayoría de los estudiantes son mujeres, negras y de clase trabajadora, que se enfrentan a dificultades para conciliar el trabajo y los estudios. La falta de tiempo está entre las mayores dificultades enumeradas por los estudiantes durante su carrera universitaria, y conciliar trabajo y tiempo para dedicarse a los estudios fueron las más citadas.

Palabras clave:

Curso de
Pedagogía. Perfil
de las estudiantes.
Trayectoria
académica.

Introdução

Historicamente, as lutas pela emancipação de gênero e a função da mulher na sociedade passaram por profundas modificações, incluindo mudanças de postos de trabalho, redução na disparidade salarial, no entanto, estamos longe de alcançar uma sociedade que promova a figura feminina em níveis de igualdade compatíveis com os homens.

Em relação à educação da mulher, Guacira Louro (1986), ao estudar a presença feminina no magistério, afirma que os debates sobre o tema na história da educação no Brasil se tornaram proeminentes no final do século XIX. Nesse período, começaram as discussões sobre a criação e ampliação das escolas, assim como sobre o grau de instrução que as mulheres poderiam receber. O que e como as mulheres poderiam aprender, bem como o lugar que ocupariam na sociedade, foram definidos e determinados pela sociedade dominante — composta por homens brancos e conservadores. Assim, esperava-se que as mulheres ocupassem o papel de donas de casa, boas esposas e mães.

Até mesmo a UNEMAT, *campus* de Sinop/MT, uma universidade que se presume fundamentada nos princípios da emancipação e da democracia, ainda não dispõe de mecanismos suficientes para que as mulheres ocupem os mais altos postos, com maior visibilidade e poder de decisão. Essas funções são, em geral, mais centradas em homens do que em mulheres. Essa distinção se reflete nos cargos, nas referências dos cursos e nos lugares que as mulheres ocupam nos setores da universidade. Nesse sentido, a reitora Vera Lúcia da Rocha Maquêa fez uma observação sobre a presença feminina nos altos postos de trabalho na UNEMAT, durante uma cerimônia de menção de aplauso na Câmara Municipal de Sinop, no dia 20 de maio de 2024.

Ao analisarmos as questões relacionadas à cor, gênero e classe na produção da matriz curricular do curso, observa-se uma pouca preocupação em evidenciar discussões que promovam um debate reflexivo sobre direitos humanos, gênero, relações raciais e sexualidade. Essa abordagem é fundamental para a formação de futuras professoras que atuarão na sociedade, afeiçoando o homem e a mulher que desejamos ver compor o tecido social sinopense. E, certamente devem ser aquelas respeitadoras dos direitos, da diferença e da diversidade humana, homens e mulheres que abominam o machismo, misoginia, racismo, etarismo, xenofobia.

O *campus* da Universidade está localizado na cidade de Sinop, na região Centro-Norte do estado de Mato Grosso, que tem em sua história de colonização um ideal de migrantes, majoritariamente formado por homens brancos, sulistas e trabalhadores (Alexandre, 2019), o perfil típico de migrante e trabalhador que colonizou a cidade. A UNEMAT nesse contexto, tem um papel histórico na formação dos professores da cidade, em especial do gênero feminino. O que evidencia

a urgência por pesquisas e estudos que contemplem as mulheres, colocando-as como protagonistas de fato, objetivando mudar a mentalidade colonialista presente na sociedade, e, especialmente, no entorno acadêmico.

Este artigo tem como propósito apresentar o perfil das estudantes¹ do curso de Pedagogia da UNEMAT, *campus* de Sinop/MT. A metodologia para a obtenção dos dados consistiu na aplicação de questionários impressos pelos professores do curso, durante o horário de suas respectivas disciplinas, às estudantes de Pedagogia, no mês de novembro de 2023.

O texto está dividido em três seções, no primeiro discutimos teoricamente sobre as mulheres e sua inserção na carreira do magistério. Na segunda seção, apresentamos o contexto da cidade onde está localizada a Universidade e o curso de Licenciatura de Pedagogia. E na última seção, os dados sobre o perfil das estudantes em relação a cor, gênero, classe e as menções sobre as dificuldades que as estudantes encontram durante a trajetória universitária.

1. A inserção da carreira do magistério como função específica de mulheres: breve histórico

O processo de escolarização no Brasil inicia com os jesuítas: homens, padres que se incumbiam da função de ensinar a ler e os preceitos religiosos. A tarefa era “educar” os nativos e garantir a formação geral dos filhos das famílias da classe dominante, excluía as mulheres e os filhos primogênitos (Freire, 2011).

Louro (1986), aponta que ao examinar a história de escolarização das mulheres brasileiras, observou que elas não tinham espaço para uma educação formal, escolarizada. Mesmo nos tempos de guerras e revoluções, para a mulher das classes dominadas, não se pensava sobre as necessidades de saber ler, escrever ou contar. Em relação a classe economicamente favorecida, tanto nos tempos coloniais ou mesmo no Império, a cultura letrada para a mulher era dispensável, no entanto o que se pensava como necessário era o trabalho doméstico, outra opção era ir para os conventos na Europa, estudar dentro dos lares ou ficar recolhida em conventos para preservar a virtude, honra familiar, convívio social das mulheres e a preparação para o casamento (Amorin, 2022).

A educação laica destinada às mulheres chegou ao Brasil com a vinda da Corte portuguesa. Nesse contexto, senhoras francesas e portuguesas recebiam moças em suas residências, ensinando costura, bordado, religião e conhecimentos elementares de língua portuguesa e aritmética. Essas casas eram chamadas de colégios, e as moças eram conhecidas como pensionistas (Freire, 2011).

Segundo Freire (2011), com o processo de modernização do país, o nível de ensino ministrado nas escolas era considerado muito precário. Assim, a sociedade recriminava o descaso

¹ Ao longo do texto iremos utilizar o termo estudantes se referindo as mulheres por serem maioria na pesquisa, e, historicamente nos cursos de magistério e cursos de Licenciatura em Pedagogia

com a educação e pedia a criação de escolas de formação de professores. Essas escolas deveriam seguir os moldes de instituições de alguns países da Europa, mas ainda eram predominantemente frequentadas por homens. De acordo com a pesquisadora, as mulheres adentraram os espaços escolares mais tarde, sendo recomendável que frequentassem classes separadas, preferencialmente em turnos e prédios distintos.

A escola normal nasceu como uma instituição marcadamente profissional, diferentemente dos liceus e colégios de nível secundário. As meninas continuaram excluídas do ensino secundário oficial, ao qual viriam a ter acesso somente no século XX. No entanto, constituiu-se numa das poucas oportunidades de continuação de estudos pelas mulheres. Por isso, recebia uma clientela feminina que tinha como objetivo elevar o grau de sua educação escolarizada, servindo aos interesses das moças que necessitavam profissionalizar-se, bem como daquelas cujo destino era exclusivamente o casamento e a vida do lar (Amorin, 2023, p. 409).

A oferta de uma formação profissional para ambos os sexos era algo inovador para a época, pois o trabalho feminino fora de casa não era visto com bons olhos por vários setores da sociedade. Sobre a chegada das mulheres às escolas, Louro (1986), afirma que elas poderiam cuidar e ensinar as crianças, mas os cargos de gestão, e de cientistas, por exemplo, seriam dos professores homens. As escolas normais de formação profissional de grau médio tinham orientação propedêutica e pedagógica do magistério.

De acordo com Louro (1986), o processo de urbanização e industrialização se intensificou no século XX, e fez com que os homens deixassem a sala de aula e fossem para setores mais rentosos. Nesse sentido, no exercício do magistério permaneceu somente homens de baixo extrato social.

[...] alguns segmentos da sociedade reclamavam a ampliação de vagas nas escolas normais, a fim de atender a vontade de aprender das moças que, em grande número, prestavam concurso de admissão a essas escolas. À época, a procura das mulheres pela escola normalmente era crescente, enquanto entre os homens a demanda decrescia e, em consequência, a redução no número de professores formados deixava as salas de aula masculinas ameaçadas de ficar sem docentes (Freire, 2011, p. 249).

Foi no ano de 1874 que as escolas normais passam a receber e formar mais mulheres do que homens. Para Freire (2001, p.248), foi nesse momento que se iniciou o processo de feminização do magistério, o magistério como uma profissão feminina, pois deveria “cuidar e servir”, o que se adequava perfeitamente “à destinação da mulher”. Por suas qualidades maternais, à mulher foi atribuída uma vocação natural para a docência, e essa ideia, aliada a uma intervenção e controle do Estado em relação ao trabalho feminino, ao credenciamento moral feminino, escolha de determinados conteúdos, níveis de ensino e horários livres para o ensino e baixa remuneração.

A inserção das mulheres na atividade docente não se deu de forma pacífica, mas ao contrário, envolveu discussões e polêmicas. Esse embate, tal como aconteceu com a universalização do masculino, fundamentou-se na racionalidade científica e na noção de natureza que ancorava a compreensão a respeito das diferenças entre os gêneros à época. Alguns setores sociais, apoiados nos discursos jurídico, médico psicológico, argumentavam que entregar a educação das crianças às mulheres seria uma ‘temeridade’, uma ‘insensatez’, em virtude de estas possuírem um ‘cérebro pouco desenvolvido’ em função do ‘desuso’ (SAFFIOTTI, 1976, p. 211). Outros setores, no entanto, reconheciam a ‘natural’ inclinação da mulher para o trato com as crianças e defendiam o argumento de que bastava pensar o magistério como extensão da maternidade para compreender que este não subverteria a função feminina fundamental, ou seja, a função de mãe de família (Freire, 2011, p. 248).

Para Amorin, esse discurso das qualidades naturais da mulher ao exercício do magistério, foi legitimando a entrada cada vez maior de mulheres nas escolas normais, diminuindo o número de homens, que eram até então maioria no magistério. Os homens estavam abandonando as salas de aula e isso deu origem à “feminização do magistério”, fato que também ocorreu em outros países.

De acordo com Louro (1986), a ideologia dominante não só perpetuava a dominação de classes, mas também se estendia à opressão das mulheres. Essa ideologia era disseminada por diversas instituições, como a imprensa, a escola e a igreja, que reforçavam ideais de submissão, obediência e recato. As jovens que frequentavam a escola eram educadas para se conformar a esses papéis, internalizando valores que limitavam suas possibilidades e liberdade. Isso demonstra como a educação e outros mecanismos sociais contribuíam para a manutenção de uma estrutura patriarcal.

[...] a formação das normalistas confundia até certo ponto o papel de professora com o de mãe; por isso se falava tanto em vocação e era senso comum a ideia de que a mulher era mais adequada ao magistério primário. A função maternal era transferida dos filhos para os alunos e continuaria a ser por muitos anos exaltada. Mas esta escola a provocava (ainda que provavelmente não o desejasse), contraditoriamente, outros comportamentos: o desejo de saber mais, a curiosidade, a aspiração profissional, a preocupação com os problemas sociais, a liderança. Mesmo que não fosse o objetivo procurado, a escola também ajudava algumas mulheres a serem ‘metidas’ (Louro, 1986, s/n).

Louro (1986), argumenta que a escola não era tão fechada como desejava a sociedade dominante. Mesmo que existisse professoras coniventes com a ideologia machista, acredita-se que a condição de trabalhadoras fazia as mulheres, de alguma forma, resistentes ao modelo doméstico que a sociedade criara para elas. Para a estudiosa, muitas professoras contribuíam para a manutenção da família com seu salário e, provavelmente, tinham mais consciência de classe em relação à sua participação produtiva e eram mais independentes dos homens.

De acordo com Freire (2011) a presença feminina tornou-se predominante no magistério primário e no secundário e, por conseguinte, nos cursos de formação de professores e professoras. Essa presença no magistério primário, magistério secundário e superior não significou ascensão feminina e valorização profissional. De acordo com a pesquisadora, quanto mais ocupava esses

espaços escolares, concomitante se iniciava o processo de desvalorização da profissão docente que acontece até os dias atuais.

2. O contexto de colonização e o curso de Licenciatura de Pedagogia na UNEMAT, campus Sinop/MT

A cidade de Sinop fica no norte de Mato Grosso, região que foi reocupada² na década de 1960 em um espaço considerado “vazio”, ou seja, toda a ocupação pré-existente de diferentes grupos não brancos e ricos tais como: indígenas, garimpeiros, posseiros, comunidades extrativistas e quilombolas foi ignorada (Joanoni Neto, 2014, p.187).

Segundo Abreu (2015), o processo de reocupação tanto no século XVIII, quando na década de 1960, usa a construção do conhecimento em relação ao tema “sertão” e “litoral” no país para entender o que ocorreu em Sinop, uma região de fronteira. O pesquisador afirma que se impôs uma narrativa que reproduziu o significado de sertão e de litoral (enquanto o lugar da civilização). O objetivo era universalizar as diversas regiões sob uma única categoria: o sertão brasileiro, onde se pensava a dissolução da dualidade por meio da necessária intervenção de um sobre o outro

No período colonial a coroa portuguesa utilizou a categoria sertão para designar regiões auríferas como Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Conforme Abreu (2015, p. 44), essa definição da categoria sertão universalizaria as características atribuídas às diversas regiões do Brasil, sinônimos de terras distantes, longínquas e pouco habitadas, “[...] regiões se assemelhariam em um sentido negativo, portanto, o de terras sem lei, fé ou rei; habitadas por selvagens, oposto, [...], das regiões litorâneas, mais afeitas e próximas aos valores da civilização ocidental”.

Construída primeiro pelo colonizador português, depois pelo colonizador do século XXI, o significado seria os “espaços vastos, desconhecidos, longínquos e pouco habitados”. De acordo com o mesmo autor, essa categoria contribuiu para dizimar as populações nativas, posseiros, ribeirinhos, e seringueiros, afinal os hábitos dessas populações nativas eram considerados a perpetuação do atraso.

Nesse contexto, a história de Sinop torna necessário abordar a chegada dos pioneiros e colonizadores sulistas, que já haviam migrado da Alemanha e Itália para o sul do país, e posteriormente seus descendentes migraram da região sul para Sinop. São famílias que vieram trazer a civilização, desenvolvimento e modernidade ao sertão mato-grossense (Alexandre, 2019). É

² Optamos em utilizar o termo reocupação porque concordamos com Joanoni Neto (2014) quando menciona que esse espaço sempre foi ocupado por sociedades indígenas, seringueiros, posseiros e comunidades quilombolas.

nesse contexto, que a cidade de Sinop se desenvolveu de forma acentuada, com técnicas de urbanização e obedecendo os fins da especulação financeira (Picolli, 2004). Para atender a demanda de trabalho e intensa divulgação da mídia de cidade que prospera diuturnamente, com perspectivas de trabalho abundante. Apenas a partir da década de 1980 começaram a vir migrantes de todos os lugares do país.

[...] houve uma diversificação do perfil populacional, mas mesmo assim, prevalece, no pensamento e discurso da sociedade sinopense de que o homem trabalhador e arquétipo de sucesso é o homem branco vindo do Sul do País. A história oficial enaltece sete famílias alemãs como colonizadoras da cidade, mas há evidência de famílias negras que vieram para a cidade no período que compreende esse processo de colonização, e, no entanto, elas não são mencionadas, suas histórias são silenciadas (Alexandre, 2019, p. 92).

Sinop é uma das cidades que mais crescem e se desenvolvem em Mato Grosso, é a quarta economia do estado³ e com perfil arquitônico das grandes cidades da região sul do Brasil. Segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, Sinop tem uma população de 40,90% de cor branca, 51,1% de cor parda, 7,5% de cor preta, totalizando 58,58% de população negra (somando as pessoas pretas e pardas) e 0,10% de cor indígena.

Os índices indicam que precisamos pensar pautas da diversidade e diferença neste contexto, é fundamental pesquisar como ocorre as relações interraciais entre os diferentes grupos regionais e étnicos que convivem na região. Uma reportagem em dezembro de 2023 chamou a atenção, pois, coloca Sinop como uma das cidades que mais violam os direitos dos negros⁴. Além do efeito colonizatório devastador sobre a população indígena há um grande prejuízo ambiental e ecológico.

Para Galina (2022), o resultado do processo de ocupação dessa região, denominada pela pesquisadora de Centro-Norte-Sinop, é vista como um espaço de negócio, viver e trabalhar para expandir novos negócios, novas mercadorias e com narrativas que giram em torno do lucro, da produtividade, da eficiência baseado nas técnicas e conhecimentos do desenvolvimento agropecuário à mercê da dinâmica global do capital. Esses elementos vistos como vida e produção de uma racionalidade diferenciada daquele que depende do seu tipo de relação com a terra e recursos naturais para viver, os grandes agricultores fixam suas vivências no campo como espaços apenas para funcionários, máquinas e para a produção.

É nesse contexto que se insere o Curso de Licenciatura em Pedagogia no *campus* universitário de Sinop da UNEMAT. Criado em setembro de 1990, para atender as demandas educacionais de Sinop e região, com os cursos de Letras e de Matemática. “Essas três licenciaturas

³Disponível em: <https://www.fatormt.com.br/a-grande-sinop>. Acesso em: 29 mai. 2023.

⁴ Disponível em: <https://www.gcnoticias.com.br/geral/sinop-entra-na-lista-dos-municípios-com-alta-violacao-dos-direitos-dos-negros/166276608>. Acesso em: 22 mar. 2023.

inauguram a instalação da primeira instituição de educação pública superior na cidade de Sinop voltada para a formação de professores” (Sroczynski, 2012, p. 104).

De acordo com Cunha (2010), em meio a uma série de dificuldades como inexistência de uma biblioteca com o mínimo de livros necessários, falta de docentes com títulos, estrutura física muito limitada, cedida pela Prefeitura de Sinop e instituições de ensino privadas. A maioria das estudantes eram professores que atuavam na rede de ensino e que tinham formação somente de 2º grau magistério.

A maioria absoluta de alunos que desenvolviam atividades docentes nas escolas pertencia ao curso de Pedagogia. A predominância de alunos com formação no magistério e também daqueles que eram professores explicitam (dominante no curso de Pedagogia) que a Instituição tinha validade para um determinado grupo de pessoas, que vislumbravam na área de licenciatura um caminho necessário para a reprodução da vida e qualificação profissional (Cunha, 2010, p. 202).

Segundo Cunha (2010), o número de estudantes e professores era pequeno, as primeiras turmas eram de 110 estudantes matriculados e dez professores. Os cursos eram noturnos e funcionavam, no primeiro momento, nas dependências da Escola estadual “Santa Elisabete”.

Em 1996, em acordo com a prefeitura municipal, a UNEMAT passou a utilizar o espaço e infraestrutura de uma escola de ensino fundamental, devido a participação de recursos financeiros do estado para a construção do prédio escolar. Dessa forma, a universidade pôde centralizar suas atividades pedagógicas e administrativas. Alguns anos depois, a escola ganhou outro prédio e se mudou deixando o espaço somente para atividades da universidade.

A universidade passou a funcionar em sede própria e o curso continua sendo oferecido no período noturno. Atualmente a UNEMAT, *campus* de Sinop oferece doze cursos entre licenciaturas e bacharelados. O curso de Pedagogia, permanece como o que apresenta maior demanda nas opções que o *campus* oferece. A matriz curricular é composta por componentes curriculares de fundamentos, metodologia científica, metodologias de ensino, entre eles, as disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado. São 3.590 horas de curso, destes, 420 horas destinadas ao estágio.

Nos cursos de licenciaturas, em especial, o de Pedagogia, há uma preocupação em formar estudantes com repertórios de vivências acadêmicas desde as fases iniciais da Educação Básica, e que perpassam por todo o curso.

3. Materiais e métodos

O objetivo deste levantamento de dados sobre o perfil das estudantes de Pedagogia foi responder aos questionamentos de pareceristas de revistas digitais nas quais submetíamos artigos

que afirmavam a existência de mais mulheres do que homens no curso de Pedagogia. Além disso, outro interesse relevante foi entender o perfil racial⁵ e o extrato social das estudantes desse curso.

Nas vezes em que ocorreu essa situação, fomos atrás de pesquisas que envolviam o curso de Pedagogia da UNEMAT, *campus* de Sinop/MT e não encontramos essas informações nos trabalhos de Sroczynski (2012) e Cunha (2010), que estudaram aspectos do curso da Pedagogia no referido *campus* universitário. Esses pesquisadores designam as pessoas que frequentavam o curso como trabalhadores, professores, educadores, não atribuindo uma denominação que pudéssemos concluir que fosse majoritariamente do gênero feminino.

Essa realidade vai ao encontro do que Almeida (1996), revela em sua pesquisa, sobre ser o conceito de gênero pouco utilizado nas investigações na área de educação. Para a pesquisadora, isso revela uma contradição bastante acentuada, uma vez que é um campo na qual as mulheres sempre atuaram. “A neutralidade sexual na produção acadêmica ao indeferir gênero enquanto categoria de análise para compreender o processo educativo pode revelar um certo desconforto em se adotar essa baliza de conhecimento” (Almeida, 1996, p.72).

Araújo (2010, p. 3), ao discutir o que se tem produzido sobre professoras em espaços amazônicos, afirma que, salvo exceções, os estudos realizados sobre “os campos, sertões e florestas do Brasil dificultam uma leitura pontual da realidade desses espaços e seus sujeitos em articulação com a história local”. Segundo a pesquisadora, a interpretação da realidade não-urbana no Brasil, com base na discussão teórica marxista, não tem propiciado estudar e compreender as especificidades do desenvolvimento histórico da formação do povo brasileiro, bem como ao analisar sob esse aspecto, os campos, sertões e florestas influenciou os estudos sobre educação rural e/ou educação do campo, e especificamente, a ausência da mulher neles, ainda que geralmente, a mulher se ocupe de escolarizar as crianças do campo.

Pensar sobre esse silenciamento é necessário, principalmente porque a educação, assim como a enfermagem, é um campo de conhecimento fortemente exercido por mulheres. De fato, isto indica o quanto a força do silenciamento a que foram submetidas as mulheres pode estar relacionada à desigualdade de gêneros. Mesmo tendo participadoativamente da história e sendo muitas vezes dela protagonista, elas, as mulheres, foram silenciadas, no plano da escrituração (Araujo, 2010, p. 4).

Diante da ausência desses dados, buscávamos refazer o texto, tirando a afirmação de que as estudantes eram maioria mulheres para aprovação do artigo na revista escolhida. Diante dessas situações e entendendo a importância de ter o perfil atual das estudantes, não só para fazer uma análise sob o ponto de vista da história da cidade, da universidade, do curso e da própria carreira do magistério, como também as demandas que temos após as mudanças políticas e econômicas pelas

⁵ A categoria de cor que utilizamos são mesmas do IBGE.

quais o país passou e seus efeitos nefastos sobre a ciência, os docentes, as perspectivas de cursar um ensino superior em um contexto que, ser influencer é mais vantajoso que estudar, ser um professor e/ou pesquisador. Pensamos ser importante fazer o levantamento do perfil socioeconômico, racial, de gênero e as principais dificuldades que as acadêmicas encontram ao longo do curso de Pedagogia.

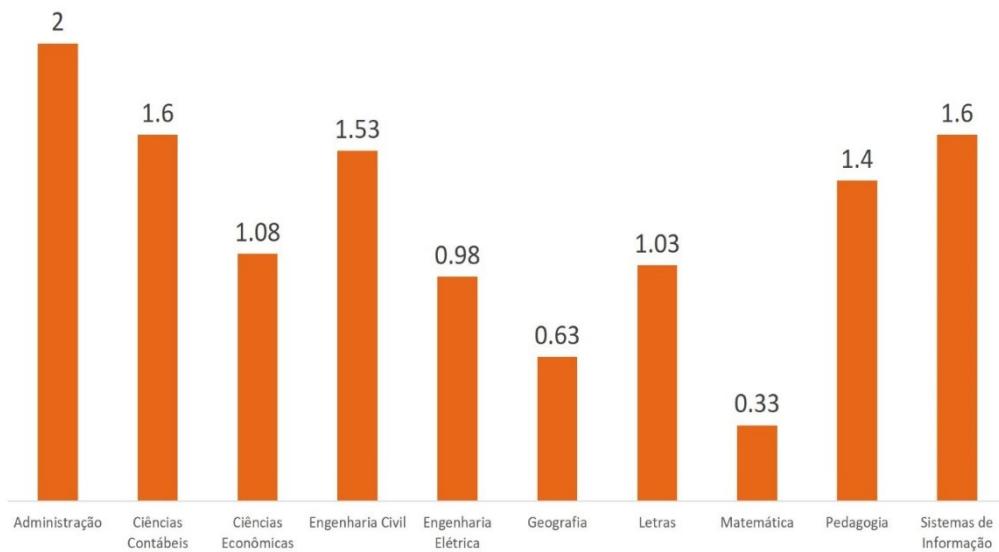
O motivo de não optar pelo questionário do *Google forms*, apesar de inúmeras indicações pela facilidade na análise dos dados, foi o receio das estudantes não responderem, pois, a maioria são trabalhadoras, chegam muito cansadas para as aulas, além da condição econômica, pois nem todas possuem *notebook* e o acesso, muitas vezes, é somente pelo celular e nem todas têm acesso à internet móvel de qualidade. Nesse sentido, com o objetivo de facilitar a recolha dos dados optamos por questionário impresso.

Foram entregues 122 questionários para as estudantes que respondiam e devolviam ao professor que estivesse na sala de aula. As perguntas diretas buscavam saber a fase que cursavam, se recebiam bolsas de estudos, perfil racial, gênero, estado civil, trabalho e escolaridade do cônjuge e profissão dos pais. As perguntas dissertativas buscavam saber sobre as dificuldades encontradas no decorrer do curso.

4. Estudantes do curso de Pedagogia da UNEMAT, campus de Sinop: cor, gênero e classe

O curso de Pedagogia faz parte da grande área das Ciências Humanas, historicamente um curso não valorizado quando comparado as áreas da saúde e exatas, no entanto, é atualmente um dos cursos mais disputados na UNEMAT, *campus de Sinop*, oferecido no período noturno, é um dos cursos com mais inscrição conforme aponta o Gráfico.

Gráfico1. Concorrência do vestibular da UNEMAT, *campus de Sinop/MT* para ingresso no segundo semestre de 2023:



Fonte: acervo próprio, 2024.

No segundo semestre de 2023, segundo a secretaria acadêmica, no curso de Pedagogia existiam 247 estudantes ativos no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA)⁶. Desses, 183 se matricularam no semestre 2023/02. Dos 183 estudantes, 166 são mulheres e 17 são homens. Responderam ao questionário 122 estudantes, seis estudantes do sexo masculino e 116 estudantes do sexo feminino. Desses, duas estudantes colocaram no questionário que eram da sétima e oitava fase formativa⁷ como esse dado não alterava o foco de nossas análises, que é a quantidade e o perfil de gênero e étnico racial das estudantes do curso de Pedagogia, alocamos as duas na turma da oitava fase.

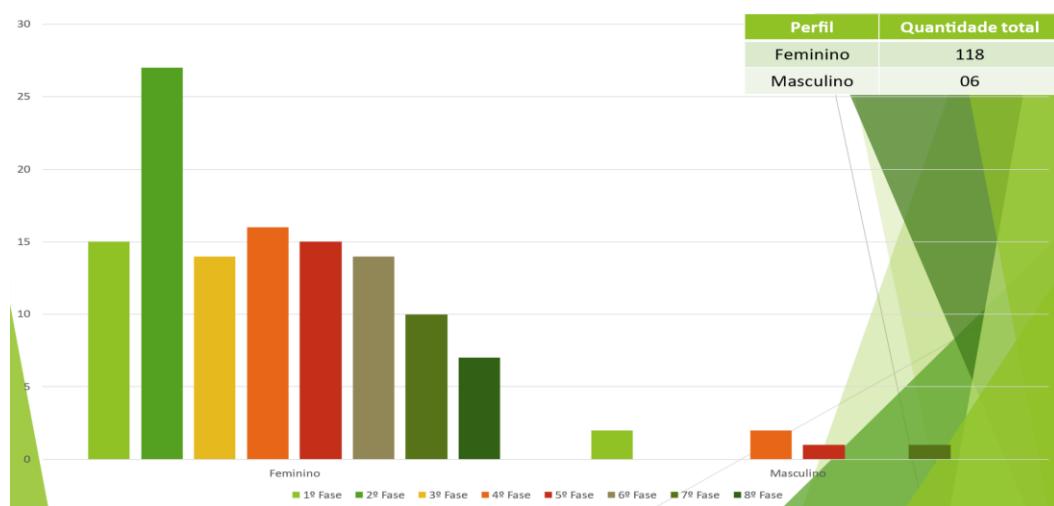
Dos 122 estudantes que responderam ao questionário, nenhuma delas se declararam indígena, mas como ministramos aula para duas estudantes indígenas, uma na 3^a fase e outra na 6^a fase, da etnia Ikpeng, provavelmente elas não estavam na sala no momento e/ou dia que o professor aplicou o questionário, nós optamos por registrá-las no quadro de dados.

Em relação as questões sobre sexo, idade, profissão, cor/raça/etnia e fase formativa que frequentam e a quantidade de mulheres por fase: Gráfico 2: Perfil de gênero os estudantes de Pedagogia do *campus* de Sinop/MT em 2023.

Gráfico 2: Perfil de gênero os estudantes de Pedagogia do *campus* de Sinop/MT em 2023.

⁶ Informações obtidas por meio de consulta via Whatsapp, no dia 21 de novembro de 2023.

⁷ Como a fase formativa não influenciava em nosso objetivo computamos como se fosse da oitava fase.



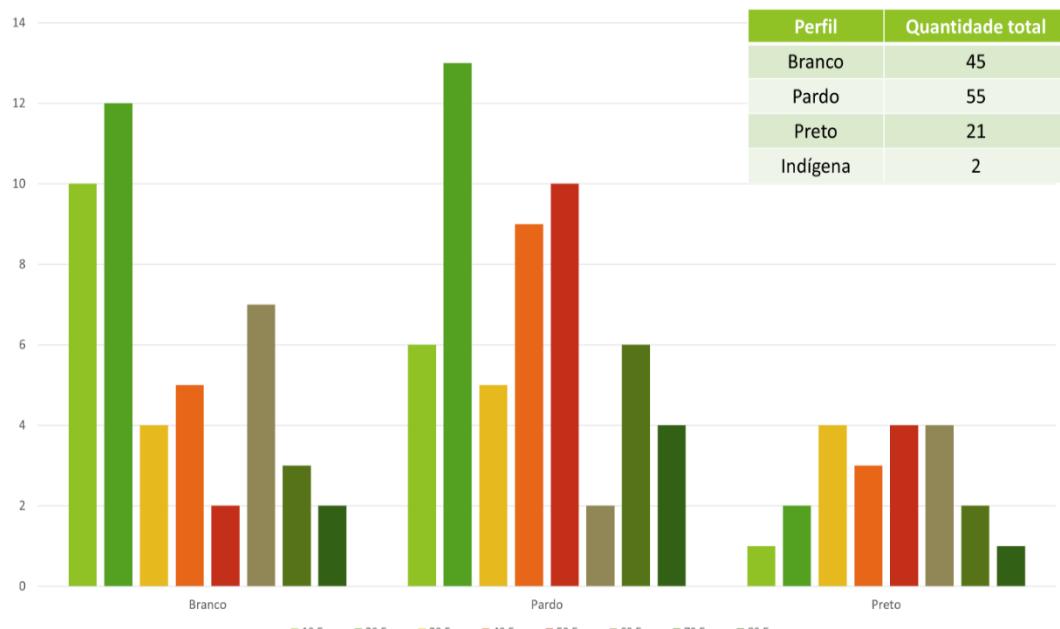
Fonte: acervo próprio, 2024.

Em relação aos estudantes homens, seis responderam ao questionário, muitos estudantes iniciam o curso, mas, são poucos os que concluem. Não temos pesquisas para saber o motivo da desistência. Em relação as estudantes mulheres, elas são maioria no curso, confirmando o que hipoteticamente já sabíamos.

Em relação a cor, o curso de Pedagogia é da área de Ciências Humanas, não é percebido por muitas pessoas como um curso de “prestígio” social. Teixeira (1998), afirma que são cursos não tão valorizados quanto as outras áreas. Contudo, é importante ressaltar que ainda é um dos cursos com alta demanda no vestibular comparado aos outros cursos em Sinop. Um dos motivos identificados é que o curso de Pedagogia apresenta muitas opções de atuação no mercado de trabalho logo ao se formar. Nossas leis asseguram que todas as pessoas têm direito à escolarização. Todas as áreas da vida passam por um processo de alfabetização ao longo do tempo.

De acordo com os questionários aplicados, foram levantados a quantidade e o perfil das estudantes de Pedagogia, no *campus* universitário Sinop, demonstrados no Gráfico 3 conforme as fases do curso (1^a a 8^a fase).

Gráfico 3: Perfil de étnico racial das estudantes de Pedagogia do *campus* de Sinop/MT em 2023



Fonte: Elaboração própria, 2024

Existem três formas de identificação de cor utilizadas pelo IBGE, são as cores: branca, parda, amarela, indígena e preta. Alguns estudos utilizam juntamente com a classificação do IBGE a autoclassificação da cor onde cada pessoa declara a sua de acordo com sua autoidentificação. Uma das cores mais identificadas nas pesquisas de autodeclaração é a cor parda. A cor parda corresponde as pessoas mulatas, caboclas, cafuzas, mamelucas e mestiças. “São as descendentes de pessoas pretas e brancas; pretas e indígenas; brancas e indígenas etc., ou seja, são pessoas com diferentes origens raciais” (Costa; Schucman, 2022, p. 468).

Em relação a cor, observamos que é um critério importante no sistema do censo, porque são dados que demandam as políticas públicas, especialmente, as políticas afirmativas. Estudos de Nogueira (1985; 1995), Petrucelli (1998), Cardoso (2014), mostraram que é muito complexo discutir a cor no país, e isso é devido a forma como as relações raciais⁸ se articulam ao longo da história no Brasil. Constatamos a ideologia do branqueamento⁹, que atua de forma intensa nos diferentes espaços sociais, as pessoas aprendem desde cedo a negar sua cor, e a buscar aproximar ao modelo do homem branco, o qual foi historicamente valorizado socialmente. Isso decorre do racismo, do preconceito existente na sociedade e que se intensifica conforme a cor.

No gráfico 3 observamos que, juntando as categorias de cor preta e parda, temos mais estudantes negras do que brancas. Em suas pesquisas sobre o acesso do negro no ensino superior,

⁸ Conceito de raça nesse texto neste é sociológico, cientificamente raça enquanto conceito biológico não existe, somos todos da raça humana.

⁹ “[...] emerge no Brasil no final do século XIX, intimamente relacionado ao medo que os(as) negros(as) causavam na nossa elite branca. [...] para essa elite, a raça negra era inferior, a miscigenação era considerada como uma forma de degeneração da raça branca. Como resultado buscou-se, neste primeiro momento, simplesmente extinguir os(as) negros(as) brasileiros” (Lima, 2022, p.184).

Teixeira (1998) mostrou que os estudantes pretos e pardos, frequentam geralmente cursos que são pouco valorizados socialmente, estão em maior frequência nos cursos de Ciências Humanas e Sociais, na área tecnológica e na área biomédica relacionada ao curso de Enfermagem.

É relevante mencionar que os dados sobre a identidade de gênero e a cor são importantes para definir as políticas públicas educacionais, os dados sobre desigualdades raciais na educação brasileira foram fundamentais para as políticas de cotas raciais na universidade, foi com ela que o acesso, permanência e sucesso de estudantes negros, bem como a inserção em cursos prestigiados socialmente foram possíveis.

A UNEMAT adota essa política desde 2005 e entre críticas, retrocessos e avanços, mantém as cotas raciais até hoje. Essa política foi muito importante para o acesso de estudantes aos cursos de ensino superior e altera a realidade da população negra que era sobrerepresentada no ensino superior no Brasil (Vieira; Sousa, 2015).

Quanto ao Gráfico 3, em relação a cor, vemos que conforme as estudantes avançam nos semestres do curso, a declaração de cor em relação a cor branca tende a diminuir e aumenta a cor parda. Achamos muito interessante essa consciência racial que as estudantes vão tomando ao longo do curso. O que permite subentender que mesmo o curso de Pedagogia em sua matriz debate muito pouco os temas relacionados a direitos humanos, diversidade e diferença as estudantes desenvolve consciência racial.

Em relação a idade das estudantes, nos chamou a atenção o perfil etário, muito variado, entre os 18 anos a 53 anos de idade. As profissões também muito diversificadas, por ordem de maior menção pelas acadêmicas foram: auxiliar de sala, auxiliar financeiro, vendedora, agente de saúde, recepcionista, diarista, doméstica, do lar, babá, pintor e estudante. Observamos o número de auxiliares de sala de aula, o que permite supor que o curso de Pedagogia é uma opção por já atuarem no mercado de trabalho com outras funções ou funções similares.

Em relação ao gênero, constatamos o que a história já aponta sobre a feminização do magistério. A maioria das estudantes são mulheres, trabalhadoras, solteiras e a idade atualmente é variada, existindo mais jovens do que pessoas com mais idade, mostrando que o magistério é uma opção de trabalho em qualquer idade.

As principais dificuldades apontadas na trajetória acadêmica foram conciliar trabalho com os estudos e o tempo disponível para esses estudos. Foram apontados também problemas com locomoção, didática do professor, dificuldades com a tecnologia e a exigência da presença diariamente. Uma das perguntas contidas no questionário era saber se as estudantes recebiam algum tipo de bolsa ou auxílio da universidade. Das 122 acadêmicas, 30 recebem algum tipo de bolsa e 94

não recebem nenhum tipo de bolsa ou auxílio. Dois questionários foram devolvidos em branco nesse item.

Esses dados explicam a escolha por cursos em Educação à Distância (EaD) e também as exigências para concorrer as bolsas, além dos valores não permitirem suprir suas necessidades básicas, e elas não podem ser cumulativas ou com vinculação ao trabalho com carteira assinada. Essa situação faz com que as acadêmicas tenham que optar pelo trabalho, e não podemos esquecer que, Sinop é uma cidade em franco desenvolvimento, com variados postos de trabalho, mas com custo de vida é muito alto.

Considerações finais

Esse artigo apresenta dados de uma pesquisa com estudantes do curso de Pedagogia da UNEMAT, *campus* de Sinop/MT. O objetivo foi fazer o levantamento do perfil das estudantes em relação ao gênero, cor, extrato social e as principais dificuldades que as estudantes enfrentam ao longo do curso

Os dados mostrados ao longo do texto informam que predominam mulheres, negras e trabalhadoras no Curso de Pedagogia do *campus* da UNEMAT de Sinop. Entre as dificuldades elencadas pelas estudantes em sua trajetória universitária conciliar trabalho e o tempo para dedicarem aos estudos foram as mais citadas.

Outro dado importante é sobre as bolsas e auxílio financeiro oferecidos pela Universidade. Das 122 estudantes, sete não responderam essa pergunta no questionário e 79 assinalaram que não recebem nenhuma bolsa ou auxílio financeiro para poderem estudar com mais tranquilidade. As estudantes reclamam que o valor das bolsas disponíveis não é suficiente para as suas despesas, assim, muitas delas trabalham o dia inteiro e a noite frequentam a universidade.

Observamos a importância da universidade no contexto de Sinop e na vida das acadêmicas, o que nos leva a afirmar que devemos lutar pela ampliação dos recursos financeiros e humanos da instituição, especialmente das políticas públicas de inclusão. Essas políticas são essenciais para garantir a permanência e o sucesso ao longo do curso, devendo ser elaboradas com base no perfil de cor, gênero e classe social das estudantes. Além disso, é fundamental considerar a formação de professores e profissionais técnicos que atendem aos alunos da universidade, os quais se tornarão futuros educadores da rede pública e/ou privada de ensino.

Referências

ABREU, Rafael A. **A boa sociedade:** história e interpretação sobre o processo de colonização no norte de Mato Grosso durante a Ditadura Militar. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

ALEXANDRE, Ivone Jesus. **A presença das crianças migrantes haitianas nas escolas de Sinop/MT:** o que elas visibilizam da escola? Tese (Doutorado em Sociologia). Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de São Carlos, 2019.

ALMEIDA, Jane Soares. Mulheres na escola: algumas reflexões sobre o magistério feminino. **CADERNOS DE PESQUISA.** São Paulo. n. 96, página 71-78, fev. 1996.

ARAUJO, Sonia M. S. Constituir-se professora na Amazônia: história de mulheres mestiças da região de ilhas de Belém. **ANAIS,** 33 reunião.anped.org.br/33.GT. 23, 2010.

AMORIN, Elizangela Santos. A educação de mulheres no Brasil e a profissionalização do Magistério numa perspectiva decolonial. **Rev. Fac. Dir.** Uberlândia, MG, v. 51, n. 1.p. 392-438, jan./jun. 2023. Disponível em:
<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/19.+A+educa%C3%A7%C3%A3o+de+mulheres+no+Brasil+e+a+profissionaliza%C3%A7%C3%A3o+do+Magist%C3%A9rio+numa+perspectiva+decolonial.pdf>. Acesso em: 28 de mai. 2024.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo:** um estudo sobre a branquitude no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais). UNESP, Araraquara, 2014.

COSTA, Eliane Silvia Costa. SCHUCMAN, Lia Vainer. Identidades, Identificações e Classificações Raciais no Brasil: o Pardo e as Ações Afirmativas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia.** Rio de Janeiro, v. 22, n. 2. Mai/Ago de 2022, p. 466-484.

CUNHA, Marion Machado. **O trabalho dos professores e a Universidade do estado de Mato Grosso em Sinop na década de 1990:** o sentido do coletivo. Tese (doutorado em educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

FREIRE, Eleta Carvalho. Mulher no magistério: uma história de embates entre espaço público e espaço privado. **Revista Lugares de Educação**, Bananeiras/PB, v. 1, n. 2, p. 239-256, jul.-dez. 2011 ISSN 2237-1451 Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rle>>. Acesso em 13 fev.2024.

GALINA, Caroline Mari de Oliveira. Saberes ambientais na perspectiva dos estudos decoloniais no contexto de crise socioambiental na região Centro-Norte-Sinop, Mato Grosso, Brasil. **Revista Eventos Pedagógicos.** Sinop, v. 13, n. 3(34. ed.), p. 675-699, ago./dez. 2022.

LIMA, Fabio Fernando. O branqueamento enquanto projeto brasileiro de nação e seus reflexos em narrativas de mulheres negras subalternizadas. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n (61.1): 180-196, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/WZBgKQZbz7kGVkqV8bHxfvB/?format=pdf&lang=pt>.

LIMA, Fabio Fernando. O branqueamento enquanto projeto brasileiro de nação e seus reflexos em narrativas de mulheres negras subalternizadas. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n (61.1): 180-196, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/WZBgKQZbz7kGVkqV8bHxfvB/?format=pdf&lang=pt>.

LOURO, Guacira Lopes. Prendas e antiprendas: educando a mulher gaúcha. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.11, n.2, p.25-56, jul./dez. 1986.

NOGUEIRA, Oraci. **Preconceito de marca:** As relações raciais em Itapetininga. Apresentação e edição: Maria L.V. de C. Cavalcanti - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

PETRUCCELLI, José Luis. **A cor denominada.** Estudos das informações do suplemento da PME, julho de 1998. Texto mineo.

PICOLLI, Fiorelo. **Amazônia:** a ilusão da terra prometida. Sinop, Editora: Picolli, 2004.

SROCZYNSKI, Claudete Inês. **Professores universitários e reformulações curriculares:** movimentos no curso de Pedagogia da UNEMAT- *Campus* Sinop. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

TEIXEIRA, Moema de Poli. **“Negros e Universidade”.** Identidade e trajetórias de ascensão social no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 1998.

VIEIRA, Paulo Alberto dos Santos; SOUSA, Karina Almeida de Pensamento Negro em Educação: Acesso de Estudantes Negros ao Ensino Superior após uma Década de Tensões e Desafios. Interritórios. **Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco**, Caruaru, Brasil. V.6, nº.12, 2020, p.26-44.